



ESCOLA DE COMUNICAÇÃO,  
ARTES E DESIGN  
FAMECOS

# REVISTA FAMECOS

mídia, cultura e tecnologia

Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 28, p. 1-13, jan.-dez. 2021

e-ISSN: 1980-3729 | ISSN-L: 1415-0549

<https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2021.1.40093>

MÍDIA E CULTURA

## Imaginários distópicos, populismos e política pop: observações a partir de "The Waldo Moment" de *Black Mirror*<sup>1</sup>

*Dystopian imaginaries, populism and pop politics: observations from "The Waldo Moment" – of Black Mirror*

*Imaginarios distopicos, populismos y política pop: observaciones de "The Waldo Moment" de Black Mirror*

Hélder Prior<sup>2</sup>

[orcid.org/0000-0001-8971-3469](https://orcid.org/0000-0001-8971-3469)  
[helder.prior@gmail.com](mailto:helder.prior@gmail.com)

**Recebido em:** 5 fev. 2021.

**Aprovado em:** 6 set. 2021.

**Publicado em:** 5 nov. 2021.

**Resumo:** No seguinte ensaio pretendemos analisar como o episódio "The Waldo Moment", da série britânica *Black Mirror*, possibilita uma reflexão crítica acerca da emergência dos populismos contemporâneos e do papel dos meios de comunicação nessa emergência. Assim, na primeira parte traçamos um panorama acerca do fenómeno do populismo, apresentando as principais conceptualizações sobre o conceito, bem como alguns desafios que a democracia liberal enfrenta. Posteriormente, verificamos algumas condições actuais da democracia em tempos de indignação e de desprezo pela classe política. Por fim, apresentamos uma análise hermenêutica ao episódio "The Waldo Moment", acreditando que este nos possibilita compreender alguns aspectos da paisagem política contemporânea permeada pelo avanço dos populismos reaccionários.

**Palavras-chave:** Populismo. Política-pop. Black Mirror. The Waldo Moment.

**Abstract:** In this essay we intend to demonstrate how the episode "The Waldo Moment" of the British series *Black Mirror* enables a critical reflection on the emergence of contemporary populism and the role of the media in this emergence. Thus, in the first part we outline the phenomenon of populism, presenting the main conceptualisations on the concept, as well as some of the challenges that liberal democracy faces. Afterwards, we see some current conditions of democracy in times of indignation and contempt for the political class. Finally, we present a hermeneutical analysis of the episode "The Waldo Moment", believing that it enables us to understand some aspects of the contemporary political landscape permeated by the advance of reactionary populisms.

**Keywords:** Populism. Pop politics. Black Mirror. The Waldo Moment.

**Resumen:** En este ensayo pretendemos analizar cómo el episodio "El momento Waldo", de la serie británica *Black Mirror*, permite una reflexión crítica sobre la emergencia del populismo contemporáneo y el papel de los medios de comunicación en este resurgimiento. Así, en la primera parte trazamos un panorama sobre el fenómeno del populismo, presentando las principales concepciones sobre el concepto, así como algunos de los retos a los que se enfrenta la democracia liberal. Posteriormente, evidenciamos algunas condiciones actuales de la democracia en tiempos de indignación y desprecio por la clase política. Por último, presentamos un análisis hermenéutico del episodio "El momento Waldo", considerando que nos permite vislumbrar algunos aspectos del panorama político contemporáneo permeado por el avance de los populismos reaccionarios.

**Palabras clave:** Populismos. Política pop. Black Mirror. The Waldo Moment.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> O seguinte texto não segue o Acordo Ortográfico de 1990.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, Brasil; Universidade da Beira Interior (UBI), Covilhã, Portugal.

## Introdução

Nosso objectivo neste artigo é analisar como o episódio "The Waldo Moment", da série britânica *Black Mirror*, proporciona reflexão crítica acerca da emergência dos populismos contemporâneos e do papel dos meios de comunicação nessa emergência. Na primeira parte traçamos um panorama acerca do fenómeno do populismo, apresentando as principais conceptualizações a respeito. Posteriormente, apontamos alguns desafios que a democracia enfrenta em tempos de indignação e de desprezo pela classe política. Por fim, procedemos à hermenêutica do referido episódio, acreditando que o mesmo nos possibilita ilustrar como a paisagem política contemporânea está sendo apresentada para o seu público.

Como muitos outros termos no vasto léxico da Ciência Política, o termo populismo é permeado por um elevando grau de contestabilidade, ao ponto de ser uma característica axiomática da literatura sobre o tema contestar a sua natureza. Cas Mudde e Kaltwasser dão conta deste facto quando afirmam, justamente, que "a "discussão sobre populismo se refere não apenas ao que este é, mas até se este sequer existe. É, verdadeiramente, um conceito contestado quando à sua essência" (2017, p. 14), acentuam os autores.

Ora, há duas formas de interpretar esta natureza problemática e ambígua do populismo. A primeira, tem que ver com o facto de o termo ser amplamente utilizado no debate político e mediático, geralmente de forma depreciativa, para catalogar qualquer personalidade política que não nos agrade, tornando-se num conceito inútil e sem valor analítico. A segunda, é reconhecer que a sua natureza multifacetada e poliédrica permite múltiplas abordagens, da política à comunicação, interpretando esta natureza como um sintoma da sua actualidade e relevância no debate público contemporâneo (MOFFIT; TORMEY, 2014), mas também no imaginário social das democracias. Subscrevemos este segundo ponto de vista.

Com efeito, em "Imaginários distópicos, populismos e política pop", pretendemos demonstrar como o episódio "The Waldo Moment", da série britânica *Black Mirror*, possibilita uma reflexão

crítica acerca da ascensão de figuras políticas singulares e inusitadas, que se beneficiam de uma intensa visibilidade mediática para deslegitimar a própria política, veiculando discursos reaccionários, politicamente incorrectos, sem nenhum pudor, culpa ou vergonha. O episódio suscitou comparações entre Waldo, uma figura caricata do entretenimento televisivo, e figuras populistas autoritárias e anti-sistema que emergiram recentemente em muitas democracias liberais, particularmente através da indústria do espectáculo e do entretenimento.

Através da metaficção, isto é, de uma ficção autoconsciente que possibilita ao leitor reflectir criticamente acerca das relações entre a ficção retratada e a própria realidade (CIGÜELA SOLA; GARCIA MARTÍNEZ, 2014, p. 93), a série *Black Mirror* aborda os efeitos nocivos das tecnologias nas nossas vidas, tecnologias cujos usos nos modificam, nos transformam, ao mesmo tempo que suscitam novos problemas e desafios. A metaficção de *Black Mirror*, particularmente presente no episódio "The Waldo Moment", coloca o espectador diante de visões críticas elaboradas nos campos das Ciências da Comunicação e da Filosofia Política, visões que pretendemos resgatar no seguinte empreendimento analítico.

Neste sentido, destacamos, a título ilustrativo, alguns aspectos expressivos do enredo de "The Waldo Moment" para reflectirmos acerca dos problemas e desafios que o episódio suscita, nomeadamente a ascensão de políticos populistas que se alimentam do descrédito do sistema democrático liberal, da imediatez da comunicação, que ajuda a criar vínculos emocionais com os eleitores, e da cultura visual e simbólica que caracteriza a "sociedade do espectáculo", permeada pela mais-valia estética dos signos.

## Populismos: a revolta contra a democracia liberal

Frequentemente classificado como um fenómeno desestabilizador da política democrática (MÜLLER, 2017; PAPPAS, 2017), o populismo resurgiu na esfera pública contemporânea associado a crises do sistema político representativo,

particularmente na Europa, Estados Unidos da América e América Latina, em movimentos ou lideranças políticas anti-sistema que, do ponto de vista ideológico, tanto surgem no espectro político da direita, quanto no espectro de esquerda.

O Brexit (2016) e as eleições de Donald Trump (2016) e de Jair Bolsonaro (2018), seguiram-se à ascensão dos nacionais-populistas na Europa, como é o caso de Marine Le Pen em França, de Viktor Orbán na Hungria, ou de Matteo Salvini em Itália. São fenómenos que fazem parte de uma crescente revolta contra os valores das democracias liberais e contra as políticas económicas e sociais predominantes. Todavia, e apesar de algumas das figuras políticas populistas recentes ameaçarem, de facto, as instituições democráticas liberais, as preocupações dos populistas são legítimas, sobretudo a crítica às elites políticas que se distanciaram dos interesses do povo, bem como o facto de as instituições não serem representativas da sociedade no seu todo. Boa parte dos eleitores populistas querem mais democracia, mais participação, mais referendos e mais proximidade ao povo, contestando a cercania dos governantes aos interesses dos grupos económicos e políticos estabelecidos.

Estas pessoas questionam o modo como as elites se isolaram cada vez mais das vidas e das preocupações do cidadão comum. Questionam a erosão do Estado-nação, que encaram como a única estrutura que deu provas de ser capaz de organizar as nossas vidas políticas e sociais. Questionam a capacidade das sociedades ocidentais para absorver com rapidez taxas de imigração e a mudança hiperétnica que não têm precedentes na história da civilização moderna (e que, nos EUA, inclui uma grande maioria de imigrantes ilegais). Questionam porque a actual fundação económica do Ocidente está a criar sociedades altamente desiguais e a relegar para segundo plano faixas da sociedade, e se o Estado deve dar prioridade no emprego e na assistência social a pessoas que passaram a vida a contribuir para o bolo nacional. Questionam as agendas cosmopolitas e globalizantes, pondo em causa aonde é que elas nos vão levar e que tipos de sociedades criarão (EATWELL; GOODWIN, 2019, p. 11).

Apesar de alguns líderes populistas, sobretudo aqueles que defendem pautas nativistas e nacionalistas, assumirem uma agenda "iliberal" ou penderem para a xenofobia e para o racismo,

mormente em relação aos muçulmanos, como é o caso de Viktor Orbán na Hungria, de Matteo Salvini em Itália, de André Ventura em Portugal ou de Santiago Abascal em Espanha, não devemos esquecer que também se preocupam em dar resposta às ansiedades, preocupações e frustrações legítimas de cidadãos que se sentem traídos pelas elites políticas e pelo *establishment* económico.

O populismo justapõe-se de modo fundamental à democracia liberal, e não à democracia *per se*, já que os populistas procedem à mobilização popular num contexto democrático liberal (MUDDE; KALTAWASSER, 2017, p. 14). Por conseguinte, pode ser abordado como um modo de vida democrático, construído a partir do envolvimento popular na política, isto é, como "acção popular" e "força positiva" de mobilização das pessoas comuns para a causa pública, especificamente para o desenvolvimento de um modelo comunitário de democracia. Fazendo uso da "acção popular", os populistas e os seus eleitores aludem a um conceito específico da política desenvolvido pelo filósofo francês Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). O filósofo francês distinguiu entre *volonté générale*, relacionada com a capacidade do povo em reunir em comunidade e perseguir o interesse público, e *volonté de tous*, relacionada com a mera soma de interesses particulares. Muitos populistas partilham a ideia de Rousseau de que a política deve ser a expressão da "vontade geral" do povo, criticando os vícios da democracia representativa e o seu modelo aristocrático de poder, no qual o povo é encarado como uma entidade passiva, mobilizada de tempos em tempos para as eleições (MUDDE; KALTAWASSER, 2017, p. 29-30).

Esta abordagem que interpreta o populismo como uma força positiva para a mobilização popular, que possibilita o desenvolvimento do comunitarismo, é cara aos movimentos de massa progressivos, inspirando partidos políticos da esquerda radical populista, como o *Bloco de Esquerda* em Portugal, o *Podemos* em Espanha, o *Syriza* na Grécia, o *France Insoumise* em França e inclusivamente o movimento *Occupy Wall Street* nos EUA, um movimento com forte influência nas pautas defendidas por Bernie Sanders e

por outras figuras do Partido Democrata. Este tipo de populismo de esquerda tem procurado defender políticas redistributivas e demandas da classe trabalhadora, sendo também próximo de causas progressistas, igualitárias e inclusivas. Mobiliza-se, frequentemente, contra o sistema capitalista que acusa de ser responsável por aumentar a desigualdade social e a pobreza.

Para Laclau, o populismo reintroduz o conflito e o antagonismo na política, mobiliza sectores excluídos da sociedade e pode ser uma força emancipadora. Nesta concepção, a democracia radical é a solução para os problemas da democracia liberal, libertando o povo da opressão das elites políticas e económicas com a finalidade de alterar o *statu quo*. Em *A Razão Populista*, Laclau procurou ultrapassar a visão pejorativa do populismo, sublinhando que se povo, conceito nuclear do populismo, é o sujeito da política, então o populismo é a lógica da própria política (LACLAU, 2005). Falecido em 2014, Laclau não teve oportunidade de acompanhar o crescimento dos populismos de esquerda na Europa Ocidental e nos EUA, mas a sua concepção da "democracia radical" tem sido defendida por Chantal Mouffe como uma forma de contrariar a ascensão dos populismos reaccionários de direita, tese partilhada por Nancy Fraser, que considera que a retórica populista pode mobilizar mais pessoas para a política e que os movimentos emancipadores precisam de adquirir uma dimensão popular.<sup>3</sup>

A perspectiva do populismo como uma força positiva para a emancipação, no entanto, contrasta com as teses do politólogo alemão, Jan-Werner Müller (2017), que interpreta o populismo como uma ameaça à democracia, sobretudo porque os populistas, quando estão nos governos, se esforçam sistematicamente por suprimir a sociedade civil e o sistema de freios e contrapesos característico das democracias liberais. Para Müller, os populistas constituem um perigo porque falam a linguagem dos valores democráticos, aceitam as regras da democracia, embora defendam atitudes iliberais e anti-pluralistas, deslegitimando,

normalmente mediante um estilo discursivo jocoso e grosseiro, todas as demais alternativas políticas ou todos aqueles que não se sintam representados pelo líder populista. Este aspecto discursivo foi, também, assinalado por Margaret Canovan. Os apelos ao povo do discurso populista manifestam-se através de um desprezo ao discurso politicamente correcto, aquilo que a teórica inglesa classificou como "estilo tablóide" que inclui a utilização de gíria, palavrões e incorrecção política, contra o estilo discursivo rígido, polido e demasiado tecnocrático dos "políticos tradicionais" (CANOVAN, 1999).

Efectivamente, os actores políticos populistas recorrem, normalmente, a um repertório performativo para criar um efeito emocional entre a figura carismática do líder e os seus seguidores. Tais artimanhas enunciativas ou efeitos de sentido possibilitam a polarização "nós", o bom povo, *versus* "eles", os inimigos ou as elites corruptas, ou aqueles que deturpam os valores morais do "bom povo". A retórica populista consiste na evocação de sentimentos anti-sistema e anti-elites e na percepção de um estado de crise permanente que necessita de reparação, de purificação ou moralização. Assim, o discurso populista é dramatizado e performatizado por um repertório discursivo que apela a uma tensão entre blocos antagónicos, povo-elites, amigo-inimigo, bem contra o mal, mediante estratégias de comunicação directa e sem a mediação das instâncias tradicionais da democracia representativa. Assume, ainda, uma atitude moralista da política, mobilizando elementos discursivos que apontam para um julgamento moral sobre grupos, ideias ou visões do mundo identificados como degradantes.

Normalmente, são feitos apelos ao povo como "árbitros" do bom senso social, o caminho a seguir frente àqueles que deturpam os valores segundo os quais o "bom povo" vive. Tais atitudes moralistas e anti-pluralistas polarizam a sociedade em dois grupos homogéneos e antagónicos, o povo puro, que reside numa espécie de "comunidade imaginada" (*heartland/motherland*), e os

<sup>3</sup> Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/48014/nancy-fraser-todo-movimento-emancipador-atual-pre-cisa-adquirir-uma-dimensao-popular>. Acesso em: 5 fev. 2021.

*out-groups*, os inimigos do povo puro, categorias heterogêneas que podem incluir elites políticas e económicas, imigrantes ou grupos minoritários responsabilizados por deturpar os valores da nação, da família ou da sociedade.

Por outro lado, o populismo é um conceito nuclear nos debates contemporâneos sobre política, democracia e meios de comunicação. Na literatura contemporânea, existem, pelo menos, quatro abordagens centrais ao populismo (MOFFITT; TORMEY, 2014) que dão conta da polissemia e ambiguidade do fenómeno – como *ideologia*, *lógica*, *discurso* e *estratégia* – embora todas estejam relativamente de acordo quanto a certas características centrais do conceito. Em seguida, sistematizamos, resumidamente, essas diferentes abordagens:

**a) a abordagem ideacional:** trata-se da posição dominante na literatura sobre populismo nos últimos anos, particularmente entre os politólogos europeus. Cas Mudde e Rovira Kaltwasser são as principais referências desta conceptualização, apresentando a seguinte definição mínima: "uma ideologia de baixa densidade que considera que a sociedade está, em última instância, dividida em dois campos homogêneos e antagónicos, povo puro e elite corrupta, e que defende que a política deveria de ser a expressão da vontade geral do povo" (2017, p. 18). Sublinhar que o populismo é uma ideologia de baixa densidade significa, na perspectiva dos autores, reconhecer que as suas manifestações são quase sempre combinadas com outras ideologias ou demais elementos normativos, como o socialismo, o nacionalismo, o conservadorismo e até o fascismo (*full-ideologies*);

**b) populismo como lógica política:** conceptualização que procura ultrapassar a visão depreciativa e até imprecisa do populismo. É a perspectiva que teve mais impacto nas Ciências Sociais e que se deve, em grande medida, ao esforço intelectual de autores como Ernesto Laclau e Chantal Mouffe. Para Laclau, o populismo emerge quando o sistema político

não tem a capacidade de responder às "demandas insatisfeitas" da população. Havendo uma "relação de equivalências" dessas demandas, surge uma fronteira antagónica que separa o povo das elites políticas, ou, nas palavras do autor, "nós, o povo" e "eles, o poder político" (LACLAU, 2005, p. 98-99). O populismo converte-se, assim, num discurso anti-elite ou anti-sistema sustentando na soberania popular e que envolve algum tipo de revolta em nome do povo contra o chamado *establishment*;

**c) populismo como discurso:** esta abordagem, inspirada em Laclau, lança mão de trabalhos empíricos para aplicar ou comprovar o quadro conceptual erigido pelo teórico argentino. Divide-se em duas correntes empíricas. A primeira, que emergiu da Escola de Essex e da Análise do Discurso, e que define o populismo como um discurso erigido contra o *statu quo* e que simplifica a esfera política através de uma divisão simbólica entre o "povo" e os "outros", que tanto podem ser as elites políticas e económicas, quanto inimigos internos ou externos identificados como causadores de problemas sociais no interior de um determinado contexto social, como minorias, imigrantes ou grupos étnicos. A segunda, alicerçada na Análise de Conteúdo e mais orientada empiricamente, procura aplicar um esquema de codificação destinado a medir o grau de populismo num amplo conjunto de textos, recorrendo à delimitação por palavras-chave. De acordo com esta visão, é possível identificar um conjunto de elementos linguísticos implícitos ao discurso populista, tais como apelos nacionalistas e nativistas, a construção da ideia de "povo" como comunidade imaginada que se opõe às elites corruptas ou privilegiadas mediante determinadas estratégias enunciativas;

**d) populismo como estratégia:** concepção que interpreta o populismo em termos instrumentais, isto é, em termos de meios e de fins. Trata-se de uma estratégia utilizada para conquistar o poder político, mobilizando os eleitores

mais insatisfeitos com o sistema através de apelos directos ao povo. Autores como Jansen (2011) e Weyland (2001) sublinham que a comunicação populista é construída em termos pragmáticos, como mera estratégia para conquistar o poder, particularmente visível em momentos de ruptura institucional, recorrendo a estratégias comunicacionais que apelam à revolta ética dos eleitores contra o sistema político tradicional.

### O desprezo pela classe política

Embora num contexto muito distinto do actual, "politicamente medíocre", marcado pelo avanço dos totalitarismos, pelas experiências de calamidade que o homem moderno teve com a política, pelo apagamento da liberdade como condição fundamental do homem para a acção política numa esfera pública vibrante, Hannah Arendt referia que quem quiser falar sobre política tem, inevitavelmente, de começar por apontar a "desgraça" da própria política. Nas palavras da autora, "ao se pretender falar sobre política, é preciso começar por avaliar os preconceitos que todos temos contra a política – visto não sermos políticos profissionais" (ARENDR, 2002, p. 8). Ora, ao falarmos da condição da política contemporânea, os preconceitos se antecipam. As posições negativas, os juízos severos, os estereótipos e os preconceitos, polarizam-se em torno de uma tensão entre aqueles que acreditam que a política foi colonizada por uns poucos, geralmente as elites, os políticos profissionais, e aqueles que a consideram uma actividade acessível a qualquer um, olhados pelas elites, pelos especialistas ou pelos profissionais, como amadores, incapazes de gerir a coisa pública por desconhecimento e ignorância. Como, a propósito, aponta Innerarity:

Esta indeterminação do ofício de político contrasta com o facto de que a política costuma terminar frequentemente nas mãos de uma casta que se renova pouco, e essa é uma das principais críticas que dirigimos aos partidos políticos; mas também temos o movimento contrário e, de vez em quando, aparecem personagens que fazem gala de se considerar intrusos, de aparecer vindos de fora do sistema para o renovar (INNERARITY, 2016, p. 44).

A atitude crítica em relação à política e aos políticos é visível quando ouvimos, frequentemente, expressões de descontentamento, tais como, "são todos iguais", "não representam os nossos interesses", "é um terreno de corrupção generalizada", *et cetera*, expressões que aludem a uma distância e a interesses divergentes entre representantes e representados. Esta indignação dirigida à política e aos políticos não é nova e não faltam detractores da política ao longo da história. A novidade talvez resida nas condições através das quais se produz a indignação e o desprezo da "classe política". Na nossa situação actual, mudaram as condições no interior das quais a política é levada a cabo, condições que alteraram não só as regras do jogo, como conduziram ao surgimento de novos actores que se consideram legítimos para protagonizar a política em benefício dos interesses do povo e que contestam o facto de a política ser protagonizada por uns poucos, as elites, a classe política ou as castas, e não por todos, pela sociedade, pelo "povo impoluto", pelo cidadão comum.

Deste modo, as transformações da política hodierna não podem deixar de ser interpretadas à luz dos processos de aceleração social, da abertura dos espaços de comunicação, da emergência das redes sociais digitais como catalisadores do discurso político, sobretudo do discurso de indignação, e da própria transformação da visibilidade da política acentuada pela cobertura dos *media*, uma cobertura que, muitas vezes, acentua uma atitude vigilante (*watchdog*) que denuncia, frequentemente e, por vezes, de modo sensacionalista e espectacular, as disfunções da política, os escândalos de corrupção, a falta de escrúpulos do *homo politicus*.

Neste sentido, os populismos contemporâneos acentuam as críticas aos representantes políticos, ao mesmo tempo que enaltecem a inocência dos representados, a virtude do povo impoluto traído pelas elites políticas corruptas. Um dos argumentos mais repetidos pelas lideranças anti-sistema é o argumento de que a política pode ser levada a cabo suprimindo as instâncias de mediação através daqueles que não são políticos,



ou que, pelo menos, se apresentam como se o não fossem. "*I'm not a politician*", referiu Donald Trump durante a sua campanha à reeleição para a Casa Branca.<sup>4</sup> A crença é a de que as elites políticas, afinal, não espelham as virtudes dos cidadãos, elites incompetentes que, por paradoxal que pareça, saíram de uma sociedade que sabe muito bem como administrar a coisa pública. É, justamente, neste sentido, que Shils (1956) considera que o populismo é um "elitismo invertido", isto é, um modo de agir político que enfatiza que o povo é melhor que os seus governantes. Assim, a complexidade da vida democrática é simplificada ao esquema povo-vítima, um povo impoluto, virtuoso, por oposição a umas elites corruptas, um discurso que estigmatiza tudo e todos aqueles que, na visão da liderança populista, se opõem ao enquadramento de um povo como comunidade imaginada, o povo puro enquanto entidade homogénea. Regressando a Innerarity, a desordem populista é um problema que deveria de ser interpretado como um sintoma:

O populismo parece credível porque algo não vai bem, e o sismógrafo populista serve para identificarmos o quê. Para que o populismo seja algo mais que o sectarismo de uns exaltados marginais é preciso que coincidam no tempo um problema por resolver e umas instituições fracas. O êxito dos intrusos carismáticos só se consegue explicar por um défice nas elites dirigentes, como uma derrota dos seus discursos, que não parecem inteligíveis ou creíveis, sem esquecer que os populismos não teriam êxito se não houvesse sociedades dispostas a dar-lhes ouvidos (INNERARITY, 2016, p. 142).

### Populismo, indignação e entretenimento em "The Waldo Moment"

A ficção denuncia o *Zeitgeist* populista das democracias contemporâneas, de onde sobressaem narrativas distópicas, bem como alguns elementos estéticos da política. Produções como "The Waldo Moment", penúltimo episódio da 2ª temporada de *Black Mirror*, transmitido pela primeira vez no Channel 4 em Fevereiro de 2013 e, posteriormente, inserido na plataforma Netflix em 2015, ganhou visibilidade acrescida pela sua

sintonia com fenómenos populistas recentes e a relação desses fenómenos com o campo dos meios de comunicação e com a política em tempos de indignação e ressentimento.

Waldo, um urso azul controlado tecnologicamente por Jamie Salter, um comediante frustrado profissionalmente, ganha notoriedade entre as audiências por ser um entrevistador cómico, mas também indelicado, que insulta as elites políticas que ele próprio entrevista em formatos televisivos muitos semelhantes aos *talk shows* da "política pop" contemporânea. O *cartoon* capta a atenção do público e converte-se num fenómeno popular na internet e nas redes sociais digitais, porque humilha os seus interlocutores, depreciando e insultando os políticos tradicionais mediante uma linguagem politicamente incorrecta, mas que o aproxima do cidadão comum. Apercebendo-se do potencial de Waldo enquanto produto mediático e político, isto é, enquanto produto de entretenimento televisivo capaz de gerar boas audiências, por um lado e, por outro lado, enquanto candidato capaz de desmerecer os adversários e obter o voto dos eleitores descontentes com o sistema, os produtores convencem o urso azul a competir nas eleições municipais da cidade britânica de Stentonford. No mercado político, Waldo representa, assim, uma candidatura anti-sistema capaz de dar voz à revolta dos cidadãos frente à classe política dominante, desafiando, em nome das massas, o *establishment* e as "elites corruptas".

O populismo é visto como um movimento que, geralmente, se define por um líder carismático ou demagógico que alega falar em nome das massas. Os líderes populistas utilizam muitas vezes uma linguagem comum e até mesmo grosseira para demonstrarem a sua afinidade com o povo "genuíno", "puro" ou "real"; procuram cimentar a sua ligação com o povo e reforçar o seu estado de forasteiros com recurso a uma terminologia de "nós contra eles" ou "o bem contra o mal" (EATWELL; GOODWIN, 2019 p. 60).

Ora, durante a campanha eleitoral, Waldo recorre a um repertório discursivo grosseiro para humilhar e desconstruir os seus adversários, sobretudo, o candidato conservador Liam Mon-

<sup>4</sup> Disponível em: <https://edition.cnn.com/videos/tv/2015/08/11/donald-trump-part-five-interview-newday.cnn>. Acesso em: 10 jan. 2021.

roe, estratégia que o converte em um assunto recorrente e popular entre os utilizadores do Twitter. Duas críticas ao "populismo mediático" de alguns meios de comunicação podem ser notadas: a conversão da política contemporânea em entretenimento, um *reality show* que diverte as audiências, prevalecendo o espetáculo da imagem, e o sensacionalismo em detrimento da substância discursiva, algo já notado por Guy Debord quando teorizou acerca da *Sociedade do Espectáculo* (1967) ou, décadas mais tarde, por Neil Postman quando este autor criticou o discurso público na era do entretenimento; e a preferência dos *media* pelo conflito, pelas encenações controversas e polêmicas, pelo escândalo, pelos acontecimentos que rompem e transgridem a regularidade do cotidiano e que, na óptica dos mediadores sociais, têm mais probabilidade de captar a atenção pública. Não por acaso, o processo eleitoral na cidade de Stentonford foi motivado por um escândalo sexual que levou à demissão do parlamentar Jason Gladwell. Como, com acerto, constata Wilson Gomes:

a política midiática, ao mesmo tempo espetáculo, *show* e encenação, parece ser uma fatalidade de nossa época. De fato, o grande vitorioso na relação entre comunicação e política não é um ou outro, é a lógica da cultura midiática quem prevalece (GOMES, 2004, p. 342).

No decorrer de uma conversa entre o criador de Waldo, Jamie, e o produtor de televisão, Jack Napier afirma que a personagem deu voz àqueles que estão revoltados e descontentes com o com o *establishment* político: "toda a gente está chateada com o *statu quo* e o Waldo dá voz a isso" (THE WALDO, 2013), sublinha o produtor. Durante a campanha eleitoral, não interessam as propostas, os programas políticos ou o debate de ideias, mas apenas aquilo que os sujeitos experienciam em relação a Waldo, o vínculo emocional estabelecido: anti-política, anti-elitismo, figura carismática que ridiculariza os políticos tradicionais e que funciona como escape para os problemas da população, seduzindo-a e entretendo-a com *chavões*, *sound-bites* e distrações. "Vote no Waldo, vote no Waldo", repete o urso azul sem, no entanto, apresentar

uma única proposta programática, algo não muito distinto de processos eleitorais recentes.

Em nosso ver, este aspecto da série pode ser compreendido recorrendo à abordagem que considera o populismo como um estilo folclórico da política, de que líderes e partidos políticos lançam mão para mobilizar as massas. De acordo com esta perspectiva, muito comum nos estudos de *mídia* e política, o populismo refere-se a uma conduta política não profissional, que visa captar a atenção dos meios de comunicação. "Ao desrespeitarem o protocolo de vestuário e linguagem, os agentes populistas conseguem apresentar-se a si próprios não apenas como diferentes e originais, mas também como líderes corajosos, que se identificam com o povo, em oposição à elite" (MUDDE; KALTWASSER, 2017, p. 17).

Durante um debate entre os candidatos, Waldo dá voz à revolta ética contra os políticos tradicionais, as elites afastadas dos problemas dos cidadãos que vivem na sua "bolha" privilegiada e que são responsáveis pelo divórcio entre os cidadãos e a política. Neste ponto, verifica-se o recurso a um dos conceitos nucleares do populismo, isto é, a construção da elite por oposição ao povo. O populismo tem uma dimensão fundamentalmente anti-*establishment*, articulando uma oposição moral entre o povo e as elites. Os líderes populistas conseguem apresentar-se como forasteiros da política e como representantes legítimos do povo. Nas palavras de Waldo:

Tu és o quê? És só... Uma atitude velha com cabelo novo [...] Ninguém te leva a sério e é por isso que ninguém vota. Achas que mereces respeito porque andaste na escola de elite e crescente a acreditar que tens direito a tudo [...] Algo tem de mudar. Ninguém confia em vós porque não querem saber de nada fora da vossa bolha. São todos uma fachada [...] astutos e falsos (THE WALDO MOMENT, 2013).

Os populistas não apenas desprezam o *establishment* político, como também criticam a elite económica, a elite cultural e a elite dos meios de comunicação: "todas estas são retratadas como um grupo corrupto homogêneo que age contra a vontade geral do povo" (MUDDE; KALTWASSER, 2017, p. 25).



Por conseguinte, Waldo representa o desabafo burlesco, a *catarsis* dos cidadãos descontentes com a democracia representativa, a ansiada contraposição popular ao *statu quo*, ao sistema político corrupto. Na seguinte formulação discursiva, verificamos o esvaziamento do espaço político, sintoma da crise das democracias liberais e da responsabilidade social dos *media* nessa crise, onde o entretenimento, a popularidade, a telegenia, o *marketing* e o espírito agonístico se sobrepõem à informação, às propostas políticas e à discussão racional numa esfera pública vibrante. Num debate entre candidatos, Monroe acusa Waldo, justamente, de degradar o processo eleitoral:

É fácil o que ele faz [...] Ele goza. E quando não consegue pensar numa piada autêntica, o que é bastante frequente, limita-se a dizer asneiras. Penso que a inclusão deste fantoche neste painel *degrada o processo de debate* e sufoca qualquer discussão significativa dos tópicos. [...] Ele não tem nada a dizer e não tem nada a oferecer (THE WALDO..., 2013).

**Figura 1** – Waldo é a caricatura do discurso politicamente incorrecto de alguns dirigentes populistas contemporâneos, um discurso que, mediante a simulação da autenticidade, visa criar proximidade com o cidadão comum



Fonte: "The Waldo Moment", *Black Mirror* (2013).

Servindo-se do insulto, do conflito físico e discursivo, da ridicularização dos adversários e do entretenimento, Waldo adquire popularidade mediática, principalmente nas redes sociais digitais, como o Twitter ou o Youtube. O sucesso da estratégia política de Waldo desperta, inclusivamente, a atenção dos Estados Unidos que enviam um *spin doctor*, Jeff Carter, para mostrar ao produtor como Waldo se pode converter num produto de *marketing* global:

Waldo pode ser a *testa-de-ferro política perfeita*. [...] O facto de ele ser um urso assiste... ajuda [...] Já sabemos que não é real portanto não há falhas pessoais. [...] O Waldo é um conceito que as pessoas não só aceitam, como apoiam. Neste momento é antipolítico [...] o que também é uma posição política. Mas pode fazer passar qualquer tipo de conteúdo político sem as potenciais desvantagens de um mensageiro humano. [...] Ele é o *assassino perfeito*. [...] Com uma mensagem direccionada de esperança, que nós podemos fornecer, que incentive os apertados sem afastar o centro, com a vossa nova plataforma, têm um produto global de entretenimento político (THE WALDO..., 2013).

O final do episódio mostra como Waldo se converteu num produto político mundial, sintoma da elasticidade do populismo, cujo sucesso num determinado sistema político leva, facilmente, ao surgimento de lideranças populistas noutros países. A cena final mostra Jamie, que entretanto perdeu o controlo sobre a sua criação, caindo em desgraça, a ser agredido pela polícia juntamente com outros cidadãos frágeis, no que parece ser uma referência ao autoritarismo do sistema político. Um enorme ecrã é mostrado, onde aparece Waldo com os *slogans* "Mudança, Acredite, Esperança".

**Figura 2** – Waldo converte-se num produto político global, devido à sua capacidade de entreter a população e de servir como revolta face ao sistema político tradicional



Fonte: "The Waldo Moment", *Black Mirror* (2013).

Com efeito, o cenário distópico retratado em "The Waldo Moment" pode ser encarado como uma hipérbole, talvez não tão distante da realidade, de como a lógica do entretenimento colonizou a política contemporânea. A partir do momento em que a informação que converteu em mercadoria, "em produtos de consumo que se podem comprar e vender no mercado", como

sublinhou o sociólogo John Thompson (1995, p. 10), os *media* passaram a expor os acontecimentos políticos mediante *frames* dramáticos que visam despertar a atenção pública e estimular a emoção e a sedução em detrimento dos horizontes crítico e racional. Tal como sublinha Correia:

O ponto central que valerá a pena destacar é que o episódio da série *Black Mirror* parece apontar para um carisma mediático em que o irracionalismo parece substituir quer o carisma tradicional quer o carisma político tal como foi pensado em torno de um líder que se exprime de forma racional e moderada, com o recurso ao guião escrito pelas democracias consolidadas do pós-guerra (CORREIA, 2019, p. 184).

A "mediapolítica", notada por Roger-Gérard Schwardenberg em *L'État Spectacle* (1977), transformou a política num fenómeno "ultra-personalizado" onde a comunicação afectiva e centrada na imagem, no *marketing* e nos processos de popularidade e celebração dos actores políticos, prevalece sobre o envolvimento dos cidadãos com as questões ideológicas, programáticas e partidárias. A política das ideias e a democracia de partidos deu lugar à personalização e à predominância do líder mediático.

A política, noutros tempos, eram ideias. A política, hoje, são pessoas. Ou melhor, personagens. Pois cada dirigente parece escolher uma função e desempenhar um papel. Como num espectáculo. Agora, o próprio Estado se transforma numa empresa de espectáculos e a política volta-se para a encenação (SCHWARTZENBERG, 1977, p. 191).

Com efeito, "The Waldo Moment" possibilita-nos captar dois dos desafios que as democracias contemporâneas enfrentam: de um lado a despolitização da esfera pública, a valorização da imagem, da encenação, do entretenimento e da emoção face ao sentido crítico e, muitas vezes, face à própria realidade fáctica (como a discussão moderna sobre a famigerada era da pós-verdade o comprova); de outro lado, a atitude de revolta ética dos cidadãos face à classe política, retratada como uma "casta" cleptocrática que não representa o povo, mas que está ao serviço da representação

de interesses parciais e corporativos. Este é, de resto, um aspecto fulcral que ajuda a explicar o sucesso dos populistas e a conversão de eleitores moderados em eleitores radicais, um aspecto muitas vezes negligenciado pelos analistas.

Grandes números de pessoas deixaram de acreditar que pessoas como elas têm uma palavra a dizer e rejeitam a ideia de que os seus representantes eleitos partilham as suas preocupações relacionadas com problemas que despontaram na agenda. Esta desconfiança ganhou ímpeto nos últimos anos e permanecerá evidente durante muitos mais. A tendência vulgarizada entre os comentadores de encarar os populistas como uma ameaça para a democracia quer dizer que não conseguem perceber o modo como ganham legitimidade entre os apoiantes ao celebrarem a governação pelo povo – muitas vezes um crucial primeiro passo na conversão de eleitores que nunca sonhariam votar em extremistas (EATWELL; GOODWIN, 2019, p. 93).

A política em tempos de indignação e ressentimento não pode ser dissociada do surgimento de lideranças políticas disruptivas que se apropriam do caos e da revolta frente às democracias liberais. Não por acaso, o próprio autor da série, Charlie Brooker, comparou a eleição na pequena cidade de Stentonford à campanha de Donald Trump nas disputas presidenciais de 2016, chegando mesmo a prever que o candidato republicano venceria as eleições.<sup>5</sup> Tal como o urso Waldo da série *Black Mirror*, Donald Trump representa a afirmação do entretenimento televisivo, a celebração da política convertida em *reality show* e a revolta anti-sistémica que está na origem do ressurgimento dos populismos contemporâneos.

De outro modo, o episódio também nos permite compreender como a acção dos meios de comunicação, sobretudo dos *media* tablóide, está muitas vezes implicada no surgimento de movimentos populistas. Autores como Mazzoleni e Stewart (2003) chegam, inclusivamente, a sugerir que os meios de comunicação sensacionalistas desempenham um papel importante na publicidade de um novo partido populista, envolvendo-se, sem qualquer "ambivalência moral", com as suas ideias, retórica, discurso e valores

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/on-demand/0/black-mirrors-charlie-brooker-predicting-donald-trump-love-story>. Acesso em: 10 jan. 2021.

performativos ou estéticos. A ascensão do partido de Silvio Berlusconi, *Força Itália*, no final dos anos 1990 e a instrumentalização política da *Mediaset*, o caso mais recente do *Movimento Cinque Stelle*, fundado pelo comediante de televisão, Beppe Grillo, ou o exemplo de Donald Trump nos Estados Unidos da América, convertido em celebridade do espectáculo televisivo pela sua participação em *reality shows* como *The Apprentice*, ou em aparições em anúncios televisivos, séries como *o Príncipe de Bel-Air* ou filmes como *Sozinho em Casa 2*, ilustram a combinação de um estilo de comunicação populista com a gramática do entretenimento e do *star system* televisivo.

Por outro lado, uma das estratégias discursivas mais utilizadas por Trump, e pelo próprio Jair Bolsonaro no Brasil, é o desafio ao discurso politicamente correcto instituído pelas democracias liberais. O discurso populista é performatizado por um repertório discursivo que apela ao antagonismo "nós" *versus* "eles", destacando-se a simplificação da realidade política ao binómio amigo-inimigo, o recurso a apelos e valores moralistas, e a negatividade discursiva permeada pela vulgaridade e boçalidade da retórica populista. Margaret Canovan (1999) destaca, precisamente, a linguagem coloquial e o "estilo tablóide" dos dirigentes populistas, um estilo de comunicação claramente oposto à linguagem polida, racional e politicamente correcta que foi instituída pela esfera pública liberal.

Assim, a indignação popular e o ressentimento dos cidadãos em relação a determinados fenómenos, são manifestados pelo humor, pela piada e pela boçalidade, estratégias discursivas que, simultaneamente, permitem enunciar os discursos politicamente incorrectos e, ao mesmo tempo, ridicularizar e parodiar os políticos tradicionais.

O capítulo apresenta uma sociedade que está desencantada com a política, que nada espera dela, e que já a reduziu a apenas mais um objecto de entretenimento. Uma sociedade onde a "res publica é desvitalizada, as grandes questões "filosóficas", económicas, políticas ou militares despertam gradualmente a mesma curiosidade casual que qualquer outro acontecimento [...], arrastada pela vasta operação de neutralização e banalização social (CIGÜELA SOLA; GARCIA MARTÍNEZ, 2014, p. 104).

Para finalizar, há ainda outro ponto de vista que importa ser notado. Para além de responder aos estímulos de dramaticidade da cultura mediática, sobretudo da cultura audiovisual, satisfazendo os propósitos que o meio estabelece, Waldo recorre a canais de comunicação directa para incutir a sua propaganda política, através de directos num camião de rua, ou mediante a disseminação massiva de aplicações, videojogos e mensagens no Twitter. Efectivamente, o modelo descentralizado da Web 2.0 alterou as estratégias de comunicação política e os novos movimentos populistas exploram-no perfeitamente. Enquanto alguns autores falam de uma "afinidade electiva" entre as redes sociais digitais e o populismo (WAISBORD, 2018; GERBAUDO, 2018), outros destacam algumas características destas redes que ajudam a construir a mecânica populista (MALY, 2018; CESARINO, 2020).

### Considerações finais

Através da hermenêutica a um dos episódios da série *Black Mirror*, procurámos articular alguns aspectos antropológicos e políticos da cultura pop contemporânea, marcada, simultaneamente pelo avanço dos populismos. As condições discursivas, políticas e mediáticas ancoradas no episódio "The Waldo Moment", são interpretadas, de modo exemplificativo, como arquétipo de experiências políticas recentes que aconteceram, por exemplo, na eleição norte-americana de 2016 e, dois anos mais tarde, no Brasil, com a eleição do candidato da extrema-direita, Jair Bolsonaro. "The Waldo Moment" retrata o reino do absurdo, não muito distante, todavia, do tempo presente: um desenho animado, cujo sucesso comercial assenta no entretenimento e na ridicularização e violência simbólica para com os dirigentes políticos, é lançado como candidato a um cargo público numa situação completamente ilógica. Dado o sucesso comercial, mediático e eleitoral de Waldo, projectos políticos de todo o mundo decidem adoptar a mesma figura icónica para conquistar atenção pública e conseqüentemente aquiescência e assentimento por parte dos eleitores mais insatisfeitos com a democracia. Waldo

serve os propósitos dos interesses políticos das grandes corporações: ele entretém o público que lhe é favorável, incita a violência contra aqueles que não o apoiam, e serve como filtro de manipulação da opinião pública, ao desviar o debate público dos temas que são verdadeiramente importantes para a cidadania. O futuro distópico especulado em "The Waldo Moment", praticamente imediato, é sensível aos contornos da paisagem política das democracias liberais.

## Referências

- ARENDDT, Hannah. **O que é a Política**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- CANOVAN, Margaret. Trust the people! Populism and the two faces of democracy. **Political Studies**, Londres, v. 47, n. 1, p. 2-16, 1999.
- CESARINO, Leticia. How Social Media Affords Populist Politics: Remarks on Liminality Based on the Brazilian Case. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 59, n. 1, p. 404-427, 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8658828/22507>. Acesso em: 5 fev. 2021.
- CIGÜELA SOLA, Javier; LUCENA, Jorge Martínez. El imaginario social de la democracia en Black Mirror. **Revista Latina de Sociología**, Corunha, v. 4, n. 1, p. 90-109, 2014. Disponível em: [https://ruc.udc.es/dspace/bitstream/handle/2183/14488/RLS\\_2014\\_4\\_art\\_7.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://ruc.udc.es/dspace/bitstream/handle/2183/14488/RLS_2014_4_art_7.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 5 fev. 2021.
- CORREIA, João Carlos. Populismos: A "clownização" da política. In: CORREIA, João Carlos; GRADIM, Anabela; MORAIS, Ricardo. (ed.). **Imaginários distópicos, metáforas e ficções**. Covilhã: Livros Labcom, 2019. p. 177-190.
- DEBORD, Guy. **La Société du Spectacle**. Paris: Gallimard, 1992.
- EATWELL, Roger; GOODWIN, Matthew. **Populismo**. A revolta contra a Democracia Liberal. Porto Salvo: Desassossego, 2019.
- FRASER, Nancy. From Redistribution to Recognition? Dilemmas of Justice in Post-Socialist Age. **New Left Review**, Londres, n. 212, p. 68-93, 1995. Disponível em: <https://newleftreview.org/issues/i212/articles/nancy-fraser-from-redistribution-to-recognition-dilemmas-of-justice-in-a-post-socialist-age>. Acesso em: 5 fev. 2021.
- GERBAUDO, Paolo. Social Media and Populism: an elective affinity? **Media Culture & Society**, Londres, v. 40, n. 5, p. 745-753, 2018. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0163443718772192>. Acesso em: 5 fev. 2021.
- GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.
- INNERARITY, Daniel. **A Política em Tempos de Indignação**. Alfragide: D. Quixote, 2016.
- JANSEN, Robert. Populist mobilization: A new theoretical approach to populism. **Sociological Theory**, California, v. 29, n. 2, p. 75-96, 2011. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1111/j.1467-9558.2011.01388.x>. Acesso em: 5 fev. 2021.
- LACLAU, Ernesto. **On Populist Reason**. Londres: Verso, 2005.
- MUDDE, Cas; ROVIRA KALTWASSER, Cristóbal. **Populismo: uma Brevíssima Introdução**. Lisboa: Gradiva, 2017.
- WEYLAND, Kurt. Clarifying a contested concept: Populism in the study of Latin American politics. **Comparative Politics**, Nova Iorque, v. 34, n. 1, p. 1-22, 2001.
- JAGERS, Jan; WALGRAVE, Stefaan. Populism as Political Communication Style: An Empirical Study of Political Parties' Discourse in Belgium. **European Journal of Political Research**, Paris, n. 46, p. 319-345, 2007. Disponível em: <https://ejpr.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1475-6765.2006.00690.x>. Acesso em: 5 fev. 2021.
- MALY, Ico. New Right Metapolitics and the Algorithmic Activism of Schild & Vrienden. **Social Media + Society**, Londres, v. 5, n. 2, 2019. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/2056305119856700>. Acesso em: 5 fev. 2021.
- MAZZOLENI, Gianpietro. The media and the growth of neo-populism in contemporary democracies. In: MAZZOLENI, Gianpietro; HORSFIELD, Stewart J. **The media and neo-populism: a contemporary comparative analysis**. Westport: Praeger Publishers, 2003. p. 1-20.
- MOFFITT, Benjamin; TORMEY, Simon. Rethinking Populism: Politics, Mediatization and Political Style. **Political Studies**, Londres, v. 62, n. 2, p. 381-397, 2014. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1111/1467-9248.12032>
- MULLER, Jean-Werner. **O que é o Populismo?** Lisboa: Texto Editores, 2017.
- PAPPAS, Takis. Os Diferentes adversários da Democracia liberal. **Journal of Democracy em Português**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 18-40, 2017.
- POSTMAN, Neil. **Amusing ourselves to death**. London: Penguin, 1986.
- SHILS, Edward. **The Tormento f Secrecy: the Background and Consequences of American Security Policies**. Glencoe: Free Press, 1956.
- SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard. **L'État Spectacle, Le Star System en politique**. Paris: Flammarion, 1997.
- THOMPSON, John. B. **Media and Modernity, A Social Theory of The Media**. Cambridge: Polity Press, 1995.
- WAISBORD, Silvio. The elective affinity between post-truth communication and populist politics. **Communication Research and Practice**, Oxford, v. 4, n. 1, p. 17-34, 2018. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/22041451.2018.1428928>. Acesso em: 5 fev. 2021.

---

## Hélder Prior

Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade da Beira Interior, em Covilhã, Portugal. Pós-doutor pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), em Brasília, DF, Brasil (PNPD/CAPES), e pela Universidade da Beira Interior (UBI), em Covilhã, Portugal (FCT). Investigador integrado do LabCom da UBI e investigador colaborador do Observatório Iberoamericano de la Comunicación da Universidade Autônoma de Barcelona, onde realizou períodos de investigação doutoral entre 2008 e 2012 e pós-doutoral em 2018. Professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em Campo Grande, Brasil, e da Universidade Autônoma de Lisboa, em Lisboa, Portugal.

---

## Endereço para correspondência

Hélder Prior

Faculdade de Artes e Letras, Universidade da Beira Interior

Rua Marquês D'Ávila e Bolama, 6201-001

Covilhã, Portugal

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.*